

~ Mônica Almeida Kornis

## Os anos *dourados*?

Com transformações profundas em todos os setores culturais, o governo de JK acabou associado a uma imagem de utopia e progresso, na qual até o presidente era "bossa-nova"





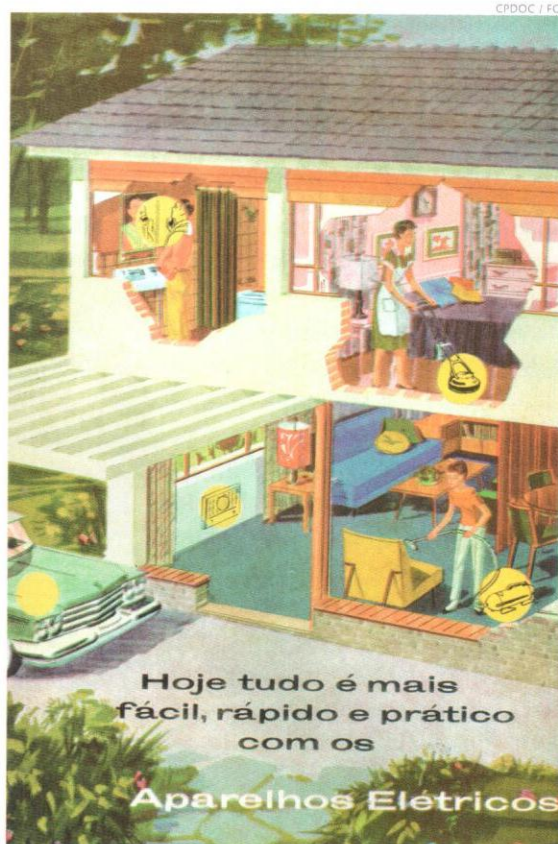
*“Bossa nova mesmo é ser presidente desta terra descoberta por Cabral. Para tanto, basta ser tão simplesmente simpático, risonho, original.”*

Trecho da música “Presidente bossa-nova”, de Juca Chaves.

**H**á vinte anos, com a retomada da democracia no país, a figura de Juscelino Kubitschek e sua atuação à frente da Presidência da República, entre 1956 e 1961, se tornaram importantes referências de um momento de otimismo e esperança com o qual a chamada “Nova República” procurava se identificar. A era JK estava em toda parte, do rosto do presidente na nota de 100 mil cruzeiros – a primeira emitida pelo novo governo, em 1985 – à minissérie *Anos dourados*, exibida em 1986 pela Rede Globo, ambientada naquele período. Mas por que aqueles anos seriam “dourados”? O desenvolvimento econômico e a estabilidade política são elementos importantes nessa percepção, mas os aspectos social e cultural são igualmente relevantes.

Ao longo da década de 1950, especialmente durante o governo JK, a sociedade brasileira se consolidou como urbana e industrial, com alterações importantes no consumo e no comportamento da população, como bem reflete a publicidade. Eletrodomésticos e automóveis de todos os tipos, casas e mobílias com menos adornos, produtos feitos de plástico e fibras sintéticas, trazendo a idéia de uma vida mais prática e menos cara. Na esteira da influência dos Estados Unidos após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o comportamento das populações urbanas refletia cada vez mais um estilo de vida norte-americano.

Ao mesmo tempo, os meios de comunicação se ampliavam, aumentando a oferta de informação e

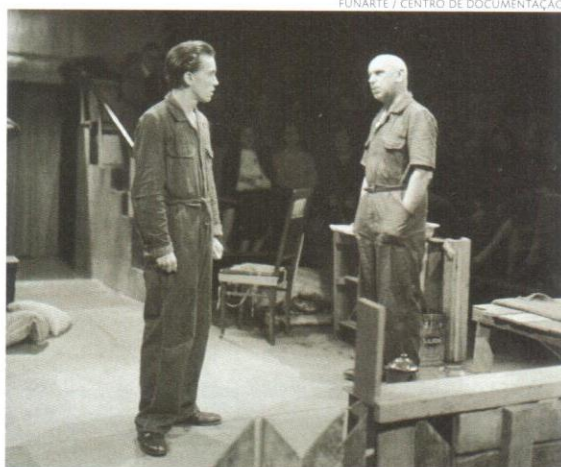


Na página anterior: vestidos rodados, casais charmosos e o novíssimo Simca Chambord, em fotografia de Milan Alram de 1959: mudança de comportamento nos “anos JK”

Na publicidade do período, as facilidades proporcionadas pelos aparelhos elétricos

entretenimento. Enquanto crescia a tiragem de jornais e revistas, o rádio ampliava ainda mais sua presença, com radionovelas e programas musicais e humorísticos quebrando recordes de audiência. Muitas vezes realizados ao vivo, os musicais alcançaram um imenso sucesso, aprofundando o papel do rádio, em particular da Rádio Nacional, como importante agente de veiculação da cultura brasileira através da difusão de vários gêneros musicais. Uma das práticas mais bem-sucedidas era o lançamento de músicas populares que seriam veiculadas nas chamadas “chanchadas”, filmes surgidos no início dos anos 40 que mesclavam comédia e musical e perduraram durante toda a década de 1950. Muito influenciada pelo rádio, a televisão chegou ao Brasil em 1950 e se ampliou exatamente ao longo do governo JK, com uma programação transmitida quase completamente ao vivo, com telejornais, teleteatros, programas musicais, esportivos e de variedades, inclusive infantis, além de filmes estrangeiros dublados em português.

Com a ideologia nacional-desenvolvimentista baseada nos planos de ação governamental reforçando a crença no progresso do país, o desejo de transformação já se fazia presente em vários segmentos culturais. Enquanto a construção de uma nova capital para o país, Brasília, se apresentava como o momento máxi-



Eles não usam black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri, ícone da dramaturgia social brasileira, levada ao palco em 1958 no Teatro de Arena: em cena, os problemas da industrialização e uma verdadeira revolução da encenação teatral



No fundo desta página, *Torre*, escultura de 1958 de Franz Weissman, um dos inovadores da arte concretista brasileira do período

mo dessa utopia, novas formas de conceber o cinema, o teatro, a música, a poesia, a arte e a arquitetura se desenvolviam, em geral como uma crítica às linguagens artísticas de então. Tentava-se, ao mesmo tempo, identificar e sintetizar elementos da nossa cultura e absorver manifestações artísticas desenvolvidas em outros países. Nos casos do cinema e do teatro, a renovação estética era acompanhada de questões políticas, buscando, além de uma nova linguagem, temas populares.

Nas telas, a reação era contra as chanchadas vistas como “escapistas” e os filmes produzidos nos grandes estúdios. Preocupado em refletir os problemas do povo brasileiro, Nelson Pereira dos Santos dirigiu *Rio 40 graus* (1955) – na linha do neo-realismo italiano que pretendia abordar os efeitos da guerra e os problemas sociais – e, dois anos depois, *Rio Zona Norte*. Em meio à intensa atividade de cineclubes em Salvador, surgia Glauber Rocha (1939-1981), que em 1959 realizou o seu primeiro filme, o curta-metragem *O pátio*. Era o embrião do que viria a ser conhecido como Cinema Novo.

No teatro, novos grupos aproximavam o público dos atores e levavam para o palco os problemas brasileiros

No teatro, a tônica era radicalizar as inovações introduzidas no início da década pelo Teatro de Arena de São Paulo, que revolucionara a forma de encenação. O novo espetáculo teatral não possuía cenários, e o palco ficava no centro da platéia, aproximando atores e público. Em meados dos anos 50, o Teatro de Arena se fundiu com o Teatro Paulista

do Estudante, voltando-se para uma temática preferencialmente social e política com uma representação realista. Em 1958, formava-se também em São Paulo o Grupo Oficina, por universitários da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Embora com propostas distintas, os dois grupos, liderados respectivamente por Augusto Boal e José Celso Martinez Corrêa, sofreram as influências do

teatro de vanguarda norte-americano e europeu e da dramaturgia do alemão Bertold Brecht (1898-1956). Peças escritas em meados da década por Oduvaldo Viana Filho (1936-1974) e Gianfrancesco Guarnieri refletem a preocupação com uma dramaturgia voltada para os interesses populares. Essas experiências se contrapunham às produções do Teatro Brasileiro de Comédia – com espetáculos voltados para as classes média e alta e uma dramaturgia que não expressava os problemas nacionais – e do teatro de revista, com quadros cômicos e números musicais.

A renovação na música popular brasileira se consolidou em 1958, com o lançamento do disco *Canção do amor demais*, da cantora Elisete Cardoso, com músicas de Tom Jobim (1927-1994) e Vinícius de Moraes (1913-1980). Nesse mesmo ano, uma canção da dupla, “Chega de saudade”, era lançada na voz de João Gilberto, revelando ao público o movimento musical que florescia na cidade do Rio de Janeiro, recebendo o nome de “bossa-nova”. Apesar de incorporar à nossa canção algumas manifestações da música popular estrangeira, sobretudo do jazz, a bossa-nova trazia uma interpretação mais intimista e um novo ritmo. O sucesso desses novos compositores e a modernidade desse novo ritmo levaram JK a convidar Tom e Vinícius a compor “Brasília, sinfonia da Alvorada” para que fosse tocada durante a inauguração de Brasília, o que acabou por não acontecer, por problemas entre os músicos e a Novacap. A associação do governo JK com esse tipo de música rendeu, em 1961, a sátira “Presidente bossa-nova”, do compositor Juca Chaves.

Ao longo da década de 1950, alguns artistas plásticos, fotógrafos e poetas começaram a produzir seus

Na outra página, *Chega de saudade*, disco de João Gilberto de 1958 que trazia o movimento musical identificado com o período de governo de JK

## Política e amores na tela

Em 24 horas, uma vida de 73 anos. Numa madrugada de 1958, o presidente Juscelino Kubitschek (1902-1976) parte do Aeroporto Santos-Dumont, no Rio de Janeiro, passa pelas cidades de Campinas, Dourados e Brasília, até chegar a Belo Horizonte. Enquanto recorda da maravilhosa mulher que encontrará ao final da viagem, uma conspiração tramada por oficiais da Aeronáutica prepara a derrubada do avião presidencial. Essa versão da trajetória de Juscelino é parte da trama de *JK – Bela noite para voar*, filme dirigido por Zelito Viana, com estreia prevista para o mês de outubro.

Outra homenagem está programada para janeiro do ano que vem. *JK*, minissérie da TV Globo escrita por Maria Adelaide Amaral e Alcides Nogueira, vai contar a história do ex-presidente em 53 capítulos. Do nascimento do menino Juscelino, em Diamantina (MG), passando por seus primeiros anos na política, os amigos e desafetos, as relações amorosas, a construção de Brasília, até chegar ao seu velório, em 1976. O ator José Wilker interpretará Juscelino na minissérie.

No filme, o papel fica com José de Abreu. Mas quem já começou a roubar a cena é Princesa (Mariana Ximenes), ou Maria Lúcia Pedrosa, com quem JK manteve um romance secreto por quase 18 anos. A lembrança do caso amoroso indignou a família e mudou os rumos da produção. “O problema maior, para a família, é que a personagem feminina principal é a Lúcia, e não a d. Sarah [mulher de JK]”, revela a produtora Cláudia Furiatti. Para evitar novos conflitos – nos bastidores, familiares do ex-presidente pressionaram os patrocinadores a abandonar o filme – algumas cenas foram cortadas, como a que mostrava d. Sarah na mesma festa em que JK conhece Lúcia. “Mas o filme não é apenas o romance, como já se divulgou, tem também ação, política”, completa a produtora. (Juliana Barreto Farias.)





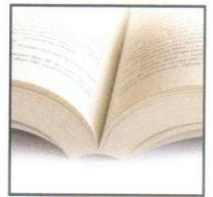
trabalhos dentro dos princípios do movimento construtivista que se desenvolvia na Europa, e que décadas antes já havia inspirado nossos arquitetos. Havia uma crença na possibilidade de introduzir uma racionalidade modernizadora na organização do espaço social. Na mesma época, os princípios da arquitetura moderna já vinham modificando os maiores centros urbanos, após experiências localizadas desenvolvidas a partir dos anos 30 em construções públicas, tais como o edifício do Ministério da Educação e Saúde (1936), no Rio de Janeiro, e o conjunto da Pampulha (1944), em Belo Horizonte. No primeiro caso, com um projeto inicial lançado pelo arquiteto suíço Le Corbusier (1884-1965), coube a Lúcio Costa (1902-1998) e Oscar Niemeyer o desenvolvimento da proposta; no segundo, Niemeyer fez a obra, encomendada por JK, na época prefeito da capital mineira. E a nova capital do país, inaugurada em 1960 durante o governo de JK, teve exatamente como idealizadores Costa e Niemeyer.

A renovação das artes plásticas no período aconteceu com a introdução de uma arte voltada para a forma, a cor e o espaço, o chamado concretismo, que rejeitava a representação figurativa. Em meados da década, diferenças conceituais levaram ao rompimento dos concretistas de São Paulo e do Rio, que anunciaram a ruptura num manifesto publicado no início de 1959 no "Suplemento Dominical" do *Jornal do Brasil*, com a assinatura dos escultores Amílcar de Castro (1920-2002) e Franz Weissman (1911-2005), as artistas plásticas Lígia Clark (1920-1988) e Lígia Pape (1927-2004), e o poeta Ferreira Gullar. O artista plástico Hélio Oiticica (1937-1980) veio a se juntar ainda ao grupo. Já a vertente paulista se orientou preferencialmente para as artes gráficas e o *design*.

Em 1958, foram inauguradas as novas sedes dos museus de arte moderna tanto em São Paulo, no Parque do Ibirapuera, que fora projetado entre outros por Oscar Niemeyer, quanto no Rio, concebido pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy (1909-1964). Na imprensa, a renovação estética foi marcada pela reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, em 1956, concebida pelo artista Amílcar de Castro, e pela criação da revista *Senhor*, em 1959.

Enquanto a cultura buscava novos caminhos, o país festejava vitórias no esporte, como a conquista da Copa do Mundo de 1958, na Suécia, e do título mundial dos pesos-galos pelo pugilista Êder Jofre, em 1960. Com o tempo, a identificação dos chamados "anos dourados" com o espírito otimista e inovador que consagrou o governo JK incorporou e identificou o presidente com um conjunto de mudanças sociais, culturais e artísticas que já haviam se iniciado em momentos anteriores ou mesmo que se firmariam nos primeiros anos da década de 1960. Foram os anos de utopia, de crença no progresso e, para alguns, da idéia de que esse processo se faria com transformações na sociedade. ■

MÔNICA ALMEIDA KORNIS é pesquisadora e professora no CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.



### Para saber mais

GOMES, Ângela de Castro (org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2001.

Viaduto do Chã, São Paulo, 1961: no fim dos "anos dourados" a utopia do progresso não foi suficiente para transformar a sociedade

PHOTO MILAN 1961

